



XI Colóquio Internacional
"Educação e Contemporaneidade"
São Cristóvão/SE/Brasil
21 a 23 de Setembro de 2017
ISSN: 1982-3657



Recebido em:
04/08/2017
Aprovado em:
06/08/2017
Editor Respo.:
Veleida Anahi
Bernard Charlort
Método de
Avaliação: Double
Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

ESTUDO DA CANÇÃO "ZÉ DO CAROÇO" COM BASE NA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

NEILTON FALCÃO DE MELO
ROBSON CLEDSON DE JESUS DIAS

EIXO: 21. MESTRADO PROFISSIONAL, PESQUISA APLICADA NO ENSINO E NA SALA DE AULA

Este artigo é fruto de um trabalho feito como pré-requisito em um curso de extensão universitária. O presente estudo, em sua parte prática, foi desenvolvido com alunos do 3º ano do Ensino Médio de um colégio estadual no interior de Sergipe. Foi utilizado como *corpus* a canção "Zé do Caroço", de Leci Brandão e o texto "Zé do Caroço, a voz do Pau da Bandeira". O estudo sobre gênero textual parte dos ideais bakhtiniano cuja perspectiva tem o meio social como centro organizador da interação verbal, sendo composto por conteúdo temático, estilo e forma composicional. A pesquisa também se fundamenta a partir da Análise Crítica do Discurso, de Norman Fairclough, especificamente referente à prática social, discursiva e texto como evento comunicativo. Os resultados apontam uma prática ainda principiante, no entanto necessária no fazer pedagógico.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso. Prática Social. Prática Discursiva.

This paper is the result of a work done as a prerequisite for a university extension course. The studying presents, in its practical part, was developed with students of the 3rd year of High School of a state school in Sergipe. The song "Zé do Caroço" by Leci Brandão and the text "Zé do Caroço, a voz do Pau da Bandeira" were used as corpus. The study of textual gender is based on the Bakhtin's ideas whose perspective has the social way as the organizing center of the verbal interaction, being composed of thematic content, style and compositional form. The research is also based on Norman Fairclough's Critical Discourse Analysis, specifically referring to social, discursive practice and text as a communicative event. The results point to a practice that is still a beginner, but necessary in the pedagogical practice.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Social Practice. Discursive Practice.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de um trabalho feito com alunos do 3º ano do Ensino Médio de um colégio estadual no interior de Sergipe. O estudo foi idealizado a partir de um pré-requisito em um curso de extensão, de 40 horas, denominado de "Análise Crítica do Discurso de Fairclough". Baseia-se nos estudos bakhtiniano, partindo do pressuposto de que nenhum discurso é original.

À luz da Análise Crítica do Discurso (ADC), analisa-se a intencionalidade discursiva presente na música "Zé do Caroço" e sua relação dialógica com outro gênero discursivo sobre o protagonista Zé do Caroço. O estudo parte de uma concepção de língua como atividade social (Bakhtin, 2011; Fairclough, 2016). Assim sendo, com os avanços e as facilidades da tecnologia e das mídias sociais, textos multimodais estão cada vez mais presentes na sociedade moderna. São vários recursos que convergem para dar sentido ao texto e conseqüentemente propagar uma ideologia. Nesse ponto, segundo Soares (2012), é preciso saber usar socialmente a leitura e a escrita, ir além da superficialidade das palavras.

O estudo tem como objetivo geral apresentar algumas considerações sobre as implicações discursivas da multimodalidade e dos elementos semióticos no texto impresso, no caso específico do gênero em análise, buscando explicar que ideologias e hegemonias estão implícitas ou explícitas no discurso.

Os resultados indicam que o *corpus* analisado é constituído por um discurso que revela ideologias que atuam na reconstrução de identidades e sistemas de conhecimentos e crenças, bem como na manutenção das estruturas hegemônicas de poder.

1 SUPORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nesta seção faremos um breve apanhado dos principais conceitos teóricos que embasaram este estudo e nortearam seu desenvolvimento: Conceito de gênero discursivo, O discurso e o poder na análise crítica do discurso, A intertextualidade e a interdiscursividade, O aparato metodológico da ACD de Fairclough.

1.1 Conceito de gênero discursivo

Quando se trata de gênero em linguística é consenso que a concepção de linguagem como interação está no cerne dos estudos do russo Mikhail Bakhtin cuja perspectiva tem o meio social como centro organizador da interação verbal. Bakhtin (2011, p. 262) usa a denominação gêneros do discurso e os define como “tipos relativamente estáveis de enunciados” elaborados pelas diferentes esferas de utilização da língua e considera três elementos “básicos” que o configuram: conteúdo temático, estilo e forma composicional, aos quais acrescentamos o contexto de produção.

Referente aos estudos sobre gêneros, uns adotam as expressões *gênero discursivo* e outros, *gênero textual*. Sobre essa questão, Motta-Roth (2008) afirma que independente da nomenclatura adotada, todas as escolas que têm o gênero como objeto de estudo trabalham com a lógica de que os gêneros são usos da linguagem associados a atividades sociais e essas ações discursivas são recorrentes e, por isso, têm algum grau de estabilidade na forma, no conteúdo e no estilo.

Na abordagem bakhtiniana, a construção composicional diz respeito à estruturação geral interna do enunciado. O conteúdo temático engloba o conjunto de temáticas que podem ser abordadas por um determinado gênero, enquanto que o estilo corresponde aos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais utilizados pelo enunciador.

Para o russo Mikhail Bakhtin, todo enunciado surge sempre de outro já existente, toda palavra é uma resposta à palavra do outro, todo discurso reflete e refrata outros discursos. Nessa ótica bakhtiniana, todo texto é um evento comunicativo que possui elementos linguísticos que são usados com intencionalidade de produzir significado dentro de um contexto. Isso implica que em todo contexto discursivo, além dos enunciados, outros elementos também auxiliam na construção do sentido, tais como o conhecimento de mundo dos interlocutores e os papéis sociais que estes desempenham, a intenção do locutor, as circunstâncias históricas ou sociais em que se dá a comunicação etc.

Sendo os gêneros vistos como situações retóricas do convívio social direcionadas a um propósito, Bazerman (2011) e Miller (2011), que também partem da concepção bakhtiniana de linguagem como interação social, afirmam que o texto organizado em um gênero textual realiza atos de linguagem e além de unidade linguística a partir da qual se produzem sentidos, é também uma unidade retórica que realiza ações entre sujeitos nos textos verbais. Nesse sentido, Miller (2012, p. 41) afirma que quando aprendemos um gênero

aprendemos [...] quais propósitos podemos ter: aprendemos que podemos louvar, apresentar desculpas, recomendar uma pessoa a outra, instruir consumidores em nome de um fabricante, assumir um papel oficial, explicar o progresso na realização de metas. Aprendemos a entender melhor as situações em que nos encontramos e as situações potenciais para o fracasso e o sucesso ao agir juntamente.

Os gêneros são definidos dentro de critérios pragmáticos e desempenham um papel importante em fazer mediação entre situações e ações.

1.2 O discurso e o poder na análise crítica do discurso

A Análise Crítica do Discurso (ACD) desenvolvida por Fairclough (2016), principal perspectiva teórica que norteia esta

pesquisa, é orientada linguisticamente pela Linguística Sistêmica Funcional (LSF) de Halliday (1978) “que considera a linguagem como multifuncional e considera que os textos simultaneamente representam a realidade, ordenam as relações sociais e estabelecem identidades” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 28).

Para Resende & Ramalho (2016), a LSF trata-se de uma teoria da linguagem que se coaduna com a Análise de Discurso Crítica, porque aborda a linguagem como um sistema aberto, atentando para uma visão dialética percebendo os textos não só como estruturados no sistema, mas também permite os estímulos de seu meio social.

Diferente do uso de linguagem saussuriano, o uso de linguagem para a ACD é moldado na interação e produção social, ou seja, discurso é a língua em uma integridade concreta e viva. O poder é exercido pela prática discursiva. A ACD é uma proposta libertadora que trabalha com o conceito de discurso de Bakhtin. Para Fairclough (2016), o discurso contribui para a constituição de todas as esferas da estrutura social que, de forma direta ou indireta, o moldam e o restringem através de normas e convenções, relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes.

Fairclough (2016, p. 90) propõe usar o discurso para designar “o uso de linguagem como forma de prática social”, o que implica tomar o discurso como uma forma de ação e assumir que sua relação com a estrutura social seja dialética. Nesta ótica, o cerne da relação entre discurso e sociedade é o poder. A língua é simultaneamente constitutiva e constituída pelo social e os seus significados são inerentemente instáveis porque são históricos (HALL, 1998, p. 38-39). Não se pode, então, admitir sistemas linguísticos isolados na sua interioridade, mas em constituição dialética com o social (RESENDE & RAMALHO, 2016, p. 45-47).

Percorrendo o trabalho arqueológico e genealógico de Foucault, Fairclough (2016) identificou importantes considerações sobre o discurso, dentre as quais, as principais apontam para a natureza constitutiva do discurso: o discurso construindo a sociedade –, o caráter interdiscursivo e intertextual das práticas discursivas – os textos sempre recorrem a outros textos –, o poder como prática discursiva, o discurso como prática política – pois é ideológico –, e a mudança social dialética com a mudança discursiva.

Para Resende & Ramalho (2016, p. 26-27), “o discurso é moldado pela estrutura social, mas também é constitutivo da estrutura social”. Portanto, o discurso é uma prática social e dialógica. Assim, para a ACD, o sujeito e a relação linguagem/social tornam-se muito específicos, que a princípio, embora seja interpelado ideologicamente, é um sujeito capaz de romper com as hegemonias e agir criativamente opondo-se a essa ideologia e operar mudanças. Sobre isso, Hall (1998, p. 21) argumenta: “Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identidade não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada.”

Nessa esteira dialógica, o discurso é articulado com outros elementos do social. Essas articulações são de total interesse para a ACD, porque é nelas que são encontradas as brechas para mudanças sociais, o que, em última instância, que as relações de poder materializadas nessas articulações são instáveis. A noção de hegemonia, então, é de grande relevância “uma vez que a hegemonia é vista em termos da permanência relativa de articulações entre elementos sociais, existe uma possibilidade intrínseca de desarticulação e rearticulação desses elementos. Essa possibilidade relaciona-se à agência humana” (RESENDE & RAMALHO, 2016, p. 44).

O discurso é uma esfera da hegemonia, uma vez que naturaliza na forma de consenso relações de poder. A hegemonia na pós-modernidade, de acordo com essa perspectiva, é mantida antes pelo consenso do que pela coerção. Para van Dijk (2015, p. 118), Gramsci (1971) afirmou o seguinte sobre hegemonia: “O poder dos grupos dominantes pode estar integrado a leis, regras, normas, hábitos e mesmo a um consenso geral”. Desestabilizar esse consenso significa uma possibilidade de mudança nessas relações.

O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo o mundo em significado.

1.3 A intertextualidade e a interdiscursividade

Sendo o discurso uma atividade comunicativa constituída de texto e contexto discursivo, há sempre uma relação dialógica que implica em materialidade (linguagens sociais, texto verbal, não verbal, visual, sonoro etc.) e singularidade (situação social, histórica e discursiva, marcando sua forma viva e responsiva). Trata-se de intertexto e

interdiscurso.

Com base nessa perspectiva sociointeracionista, na elaboração de um texto fazem parte outros textos que são tomados como base para sua constituição. De acordo com Bakhtin (2014), somente em diálogo com outro texto (com contexto) é que o texto ganha vida, iluminando tanto o posterior quanto o anterior. Enfatizamos que por trás desse contato está um contato de personalidades e não de coisas. Um contato dialógico entre textos.

Além da constatação de que "qualquer texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto" (KRISTEVA, 1974, p. 60), característica que constitui a intertextualidade ampla. A intertextualidade possui uma relação de simetria e inclusão com o conceito de dialogismo de Bakhtin (2011, p. 272) que assevera: "cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados".

Segundo Koch & Elias (2012, p. 86), "a intertextualidade é elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção /recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores". Para Koch, Bentes & Cavalcante (2012), geralmente um texto ou enunciado é atravessado por diferentes tipos de intertextualidade, que dentro da categoria *stricto sensu*, podem ser de quatro tipos: temática (quando dois ou mais textos compartilham um mesmo tema, embora com acentos valorativos diferentes), estilística (semelhante essencialmente na forma, mas também veicula um conteúdo) explícita (quando há citação da fonte do intertexto) e implícita (ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto).

Enquanto a intertextualidade foca na materialidade linguística, a relação interdiscursiva é uma relação dialógica a partir do momento em que existe uma relação de sentido entre os discursos, seja ele negado ou afirmado em outros enunciados (FIORIN, 2006). Um discurso, seja ele qual for, é sempre constituído de outros discursos, seja já ditos em um dado momento histórico, seja por aqueles a serem ainda produzidos. Isso significa que não há discurso homogêneo, fechado em si e dotado de uma fonte única do dizer. Nesse sentido, a interação social situa-se em uma rede discursiva que é tocada por inúmeros fios dialógicos, impregnados de valores, de crenças, carregados de sentidos.

A interdiscursividade também envolve discursos construídos por outros sistemas semióticos, como no domínio da pintura, da música, da dança, escultura e cinema. No campo da pintura, por exemplo, a retomada de uma dada obra por diferentes pintores, situados em lugares e momentos históricos distintos, pode levar à produção de novos objetos estéticos.

Nos textos em que ocorre a interdiscursividade, os diálogos existentes entre eles são intencionais. Não estão marcados no texto, como metalinguagem, estão no discurso, de forma abstrata, mas ao mesmo tempo muito clara.

1.4 O aparato metodológico da ACD de Fairclough

O estudo em análise tem como base teórica a ACD de Norman Fairclough. A metodologia da ACD abrange três dimensões complementares de análise crítica do discurso denominada de modelo tridimensional de Fairclough.

1 - Prática Social: Explicar como o texto é investido de aspectos sociais ligados a formações ideológicas e formas de hegemonia.

2 - Prática Discursiva: Interpretar o texto em termos de sua produção, contexto, distribuição, consumo, intertextualidade, coerência.

3 – Prática Textual: Contemplar os elementos linguísticos: léxico, opções gramaticais, coesão e estrutura, de forma interpretativa.

2 APRESENTAÇÃO DO CORPUS

A canção "Zé do Caroco", em análise, é uma história real que chegou ao conhecimento de Leci Brandão, uma sambista engajada nas causas sociais, que compôs, e gravou em 1985, a música em homenagem ao seu protagonista. A canção foi regravaada por diversos nomes de destaque no cenário musical brasileiro, incluindo Seu Jorge, Mariana Aydar, Ana Carolina e Grupo Revelação, e fez parte da trilha sonora do filme Tropa de Elite 2. Outro

texto utilizado como aporte para análise do estudo foi “*Zé do Caroco, a voz do Pau da Bandeira*”.

Texto I: Zé do Caroco

Num serviço de alto-falante / No morro do Pau da Bandeira / Quem avisa é o Zé do Caroco / Amanhã vai fazer alvoroço / Alertando a favela inteira / Ai! Como eu queria que fosse Mangueira / Que existisse outro Zé do Caroco / Pra dizer duma vez pra esse moço / Carnaval não é esse colosso / Nossa escola é raiz, é madeira / Mas é morro do Pau da Bandeira / De uma Vila Isabel verdadeira / Que o Zé do Caroco trabalha / Que o Zé do Caroco batalha / E que malha o preço da feira / E na hora que a televisão brasileira / Distrai toda a gente com sua novela / É que o Zé bota a boca no mundo / Ele faz um discurso profundo / Ele quer ver o bem da favela / Está nascendo um novo líder / No morro do Pau da Bandeira / Está nascendo um novo líder / No morro do Pau da Bandeira / No morro do Pau da Bandeira / No morro do Pau da Bandeira... / Lelelele Lelelelelelelelele / Lelelele Lelelelelelelelelelele...

Leci Brandão. Música composta em 1978, gravada em 1985.

Texto II: Zé do Caroco, a voz do Pau da Bandeira

Por Mike Conradt

Há alguns dias, me encontrava desocupado ouvindo um programa de músicas nacionais, em alguma rádio FM. Músicas bem “clássicas”, samba, MPB, Bossa Nova, interessantes porque nos mostram melhor o que é a cultura brasileira. Eis que, de repente, toca uma canção que eu jamais ouvira, com um arranjo diferente e um belo vocal. Mas o que mais chamou a atenção foi sua letra, com conteúdo político e social.

Com os trechos que eu memorizei, pesquisei sobre ela e descobri que, a versão lenta e triste que ouvi na voz de Mariana Aydar, era apenas uma regravação de um samba clássico agitado de Leci Brandão, intitulado *Zé do Caroco*. Empolgado, sugeri a alguns amigos que ouvissem a música, e quase todos já conheciam. Menos o inculto aqui.

Zé do Caroco, personagem da letra, foi um habitante de uma comunidade carioca (o Morro do Pau da Bandeira), que se dedicava as causas sociais da favela. Com um serviço de alto falante, “ele malha o preço da feira”. Pesquisei mais um pouco, e descobri que o tal Zé do Caroco de fato existiu, e como a maioria dos sambas, este também foi baseado em uma história real.

Zé do Caroco era o apelido de José Mendes da Silva, policial aposentado que instalou um alto falante para poder dar notícias importantes aos moradores, segundo ele através de uma fonte alternativa à televisão, que tanto manipulava. Isso nos anos setenta.

Eis que um dia, uma esposa de um militar e moradora de uma rua próxima à favela denunciou José, pois o barulho do alto falante a impedia de assistir sua novela. Segue o trecho: “E na hora que a televisão brasileira / Destrói toda a gente com sua novela / É que o Zé bota a boca no mundo / Ele faz um discurso profundo / Ele quer ver o bem da favela”.

A história chegou aos ouvidos da sambista Leci, engajada nas causas sociais, que compôs a música em sua homenagem. Na letra, ela também lamenta o fato de não haver alguém como o Zé do Caroco na Mangueira, onde ela morava. A canção chegou a ser proibida pela gravadora Polydor. A artista então rescindiu seu contrato e lançou o samba seis anos depois, em 1985, então pela gravadora Copacabana.

A canção foi regravada por diversos artistas, incluindo Seu Jorge, Mariana Aydar, Ana Carolina e Grupo Revelação, e fez parte da trilha sonora do filme *Tropa de Elite 2*.

José Mendes, o Zé do Caroco, faleceu nos início da década de 2000. Há dois anos foi feito um documentário amador, gravado em um iPhone por moradores da favela, intitulado *A Voz do Pau da Bandeira*, sobre a vida do Zé.

3 ANÁLISE DO CORPUS

Com base no modelo tridimensional de Fairclough, foram elaboradas dez questões, que após discussões sobre o assunto em pauta, foram entregues aos alunos para responderem com base na ACD. As respostas apresentadas

neste artigo representam uma síntese do que foi apresentado pelos alunos. Algumas respostas foram buscadas a partir de pesquisas na internet.

3.1 Análise da prática social

QUESTÃO 01: Partindo do pressuposto de que não existe enunciado sem ideologia, todo texto é uma *prática social*. Sendo assim, que aspectos sociais ligados a formações ideológicas e formas de hegemonia (poder) estão presentes no texto I

RESPOSTA: A música “Zé do Caroco” aborda uma realidade social vivenciada em uma favela cuja temática visa instigar os habitantes dessa localidade para as forças hegemônicas que tentam manipulá-los, no caso específico do contexto, temos a televisão.

QUESTÃO 02: No texto I, a autora faz uso de dois versos que afirmam: “...a televisão brasileira distrai toda a gente com sua novela”. Partindo do contexto, o que é possível depreender nas entrelinhas dessa expressão

RESPOSTA: O verbo “*distrair*” significa afastar o pensamento de alguma coisa (preocupação, tristeza, ideia fixa etc.). Nesse ponto, o líder Zé do Caroco tem um papel importante na luta pelas causas sociais da favela alertando as pessoas para não serem manipuladas por certos discursos.

QUESTÃO 03: No penúltimo parágrafo do texto II, o autor elenca alguns artistas que regravam a canção “Zé do Caroco”. No contexto, qual o provável propósito para este fim

RESPOSTA: O autor comenta sobre a grandiosidade do texto e como uma justificativa da sua defesa apresenta grandes artistas que regravam a canção.

QUESTÃO 04: A *identidade* do ser humano está ligada à sua *origem social, gênero, classe, atitudes, crenças*, e pode ser expressa a partir de formas linguísticas. Sendo assim:

a) Que características podem ser atribuídas como *identidade social* de Zé do Caroco

RESPOSTA: Zé do Caroco era um policial aposentado, um líder abnegado que lutava em prol dos moradores do morro Pau da Bandeira.

b) Que *autoidentidade* (identidade pessoal) Zé do Caroco poderia construir sobre si mesmo

RESPOSTA: Com base nas suas ações, é possível depreender que o Zé poderia se sentir como alguém que não aceitava ser manipulado e por isso lutava por si e pela sua comunidade.

QUESTÃO 05: No início do texto II há uma relação de estilos musicais que, segundo o autor do texto, representam muito bem a cultura brasileira. Partindo desse contexto, como poderíamos definir a expressão “*cultura brasileira*”

RESPOSTA: A cultura brasileira é representada pelas características socialmente herdadas e aprendidas pelo seu povo: a língua, a culinária, o jeito de se vestir, as crenças religiosas, normas e valores.

3.2 Análise da prática discursiva

QUESTÃO 06: Como bem diz o autor do texto II, a *Bossa Nova* representa muito bem a cultura brasileira. A propósito, que características identitárias possuem tal estilo musical

RESPOSTA: A Bossa Nova é um estilo derivado do samba e com influência do jazz, um ritmo calmo e suave, tem sua origem na cidade do Rio de Janeiro, na segunda metade dos anos 1950. Os temas são descompromissados e ligados à vida cotidiana da classe média (principalmente carioca), por exemplo: amores e exaltação de elementos da natureza (praias, vento, chuva, sol, etc.). Podemos dizer que os pais da Bossa Nova foram os cantores e compositores Tom Jobim, João Gilberto e Vinícius de Moraes.

QUESTÃO 07: A canção “Zé do Caroco” faz parte da trilha sonora do filme *Tropa de Elite 2: o inimigo agora é outro*. Que identidade social este filme representa

RESPOSTA: Trata-se de um filme policial brasileiro lançado em 2010, estrelado por Wagner Moura, que tem como um dos seus focos o amadurecimento do então Tenente-Coronel Nascimento, que tem que lidar com problemas com seu filho adolescente. O filme também mostra o crescimento do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) e conflitos entre os policiais e milícias do Rio de Janeiro. Segundo o diretor José Padilha, "o filme trata da relação entre segurança pública e financiamento de campanha. Faz ligação entre a segurança e a política". Além disso, uma rebelião é realizada na penitenciária de Bangu 1, liderada por Beirada, personagem de Seu Jorge.

QUESTÃO 08: Partindo do pressuposto de que todo enunciado surge sempre de outro já existente, o que há em comum entre os dois textos Que tipo de intertextualidade pode ser percebida entre eles

RESPOSTA: Há em comum entre os dois textos uma menção à história do personagem Zé do Carvão. Entre os textos é bastante visível uma intertextualidade explícita, uma vez que o segundo texto cita o primeiro. Podemos afirmar também que existe uma intertextualidade temática, visto que os textos abordam conteúdos de cunho político e social.

QUESTÃO 09: Partindo do entendimento de texto como *prática discursiva*, comente o texto I em termos de sua produção, distribuição e consumo.

RESPOSTA: O texto "Zé do Carvão" foi composto em 1978 por Leci Brandão, uma sambista que escreve suas letras voltadas para causas sociais. Baseado em uma história real, o texto alcança seu consumidor principal, moradores da favela, através da musicalidade tocada e exibida nas emissoras de rádio e TV.

3.3 Análise da prática textual

QUESTÃO 10: Entendendo o *texto* como um evento comunicativo, há elementos linguísticos que são usados com intencionalidade de produzir significado dentro do contexto. Sendo assim, analise os seguintes aspectos no texto I: léxico (vocabulário), verbos utilizados, coesão e estrutura textual.

RESPOSTA: **Léxico:** morro, Pau da Bandeira (6x), favela, Mangueira, Carnaval, escola, raiz, madeira, Vila Isabel, líder. Todas essas palavras usadas pela autora produzem um sentido cultural referente à comunidade citada e também elementos que constituem a identidade social do personagem principal da história.

Verbos no presente do indicativo: *avisa, é, trabalha, batalha, malha, distrai, bota, quer* - expressam um fato atual e exprimem ações realizadas no momento da interlocução. Os verbos no presente relatando algo do passado dão a entender que o Zé do Carvão está presente em cada indivíduo que lê o texto. É preciso ser sujeito das ações.

Verbo no pretérito imperfeito do indicativo: *queria* - expressa uma ação em andamento no passado. **Verbos no pretérito imperfeito do subjuntivo:** *fosse, existisse* - expressam a possibilidade de um fato ter acontecido no passado. No caso específico, os três verbos expressam o desejo da autora pela existência de alguém com a garra de Zé do Carvão na comunidade dela.

Locuções verbais no infinitivo: *vai fazer, quer ver* – expressam ideia de acontecimentos futuros. Estas ações dão indicativo de uma nova realidade a ser vivenciada pela comunidade do morro do Pau da Bandeira.

Locução verbal no gerúndio: *está nascendo* – expressa uma ideia de acontecimento no momento da fala. Novamente, a ideia de uma nova realidade é reafirmada pelo significado da locução verbal utilizada. Desta vez, uma ação do presente.

Coesão: Não há pontuação nem elementos conectivos. Os versos conectam-se através da sequência de ideias desenvolvidas na temática abordada. Nas entrelinhas, esta forma de coesão dá uma ideia de continuidade, de liberdade, de avanços em busca da concretização de uma meta.

Estrutura textual: o texto está estruturado em versos. Há versos emparelhados e opostos, a maioria com rimas perfeitas, outros, porém não seguem um padrão. Esses recursos utilizados pelo autor tornam o texto mais belo e podem ser entendidos como artifícios para atrair o leitor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas considerações sobre a Análise Crítica do Discurso, sintetiza-se os principais entendimentos sobre as

intencionalidades discursivas com base em Fairclough bem como a prática desse estudo realizada com 40 alunos do 3º ano do Ensino Médio.

O estudo na sala de aula com turmas de ensino básico com embasamento na ACD é algo que praticamente não se vê. Particularmente, desconheço práticas metodológicas, mediadas por professores da educação básica, envolvendo de forma sistematizada teorias que se inserem na linha da análise crítica do discurso. Até então, eu também não havia despertado para um trabalho mais direcionado para este campo teórico.

Com base nos estudos realizados, evidencia-se que a ACD visa explorar sistematicamente relações entre práticas discursivas, eventos e textos que estão investidos por ideologias e práticas hegemônicas. A ideologia torna-se o elemento de mediação entre o sócio-histórico e o linguístico. O discurso participa nessa mediação simbólica.

Pelas discussões e questionamentos realizados, observamos que inicialmente os alunos ficaram surpresos com as bases de trabalho da ACD. Termos como *formações ideológicas*, *formas hegemônicas* e *texto como um evento comunicativo* não faziam parte do vocabulário estudantil e social dos alunos. Inicialmente, houve também uma certa recusa até mesmo daqueles mais ativos nas práticas discursivas. Superada parte desse impacto inicial, os entendimentos sobre as bases de análise da ACD foram compreendidas pela maioria dos alunos. Na prática, na aplicabilidade dessas bases de análise no texto, houve um desempenho satisfatório de grande parte dos alunos, visto que a maioria das respostas ficou dentro do esperado. É evidente que alguns textos necessitaram de complementos e ajustes.

Como contribuição prática, consoante os resultados obtidos, o trabalho com as bases da ACD trouxe um despertar crítico para o trabalho com textos em sala de aula e também como elemento de reflexão para a vida social do aluno.

Este artigo apresenta um importante suporte no campo pedagógico para o trabalho do professor, não obstante, deixa em aberto a pretensão de ampliar os estudos nessa área como prática de letramento. No mínimo, um despertar para que as práticas educativas se delineiem por este itinerário, entendendo o discurso como uma forma de ação social.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. de Michel Lahud et al. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1929].

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso (1952-1953). In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 [1952-1953].

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Organização: Angela Paiva Dionisio, Judith C. Hoffnagel. Tradução e adaptação de Judith Hoffnagel. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____; MILLER, Carolyn. **Gêneros textuais**. Org.: Angela P. Dionisio et al. Trad. Benedito G. Bezerra et al. Recife: [s.n.], 2011. 66p.; E-book. (Série Acadêmica, v.1: Bate-papo Acadêmico).

DIJK, Teun A van. *Discurso e poder*. Judith Chambliss Hoffnagel, Karina Falcon, organização e tradução. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Izabel Magalhães, Coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. 2. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2016.

FIORIN, J. Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. cap. 1 e 2.

MILLER, Carolyn R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. Org. Angela Paiva Dionisio e Judith Chambliss Hoffnagel. Trad. Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Parábola, 2012.

MOTTA-ROTH, D. *Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem*. **DELTA**, São

Paulo, v. 24, n. 2, p. 341-383, 2008. Disponível em: . Acesso em: 10 jan. 2016.

KRISTEVA, Julia. Introdução à semiótica. São Paulo: Perspectiva, 1974.

KOCH, Ingedore, Villaça; BENTES, Ana, Christina; CAVALCANTE, Mônica, Magalhães. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise do Discurso Crítica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Zé do Caroco, a voz do Pau da Bandeira. Disponível em . Acesso em: Acesso em: 26 abr. 2017.

Zé do Caroco – Leci Brandão. Disponível em < <https://www.lettras.mus.br/leci-brandao/46918/> >. Acesso em: 26 abr. 2017.